

OVELHAS DESAGARRADAS

"Que vos parece? Se alguém possui cem ovelhas e uma delas desgarra, não deixará as noventa e nove nos montes para sair à procura da que se extraviou? E se tiver sorte de encontrá-la, em verdade vos digo, que mais alegria experimentará por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram"....

(Mateus – 18, 12-14)

1

"Não me aporrimhem pedindo grana", disse Paulão, num tom de gozadora autoridade para os seus três amigos acomodados no interior de um *wolkswagen* estalando de novinho, modelo 1970. E, ao mesmo tempo em que lançou ao exíguo espaço do veículo uma tonitruante gargalhada, informou: "Está tudo aí no porta-luvas. É só ir pegando".

De fato, envolto numa folha de jornal, lá estava o quadriculado e robusto maço de dinheiro, dividido e trançado por elásticos em diversos montinhos. Olhos ávidos brilharam de espanto e satisfação ao contemplar o dadivoso pacote, que se assemelhava aos faiscantes tesouros das histórias em quadrinhos de suas infâncias.

- Como é que pintou toda essa grana? - indagou Flávio, extasiado com o que via, mas ainda mantendo um ar de desconfiança.

- Foi o milagre, bicho - ironizou Paulão. - O milagre brasileiro, misturado ao jeitinho catarinense.

- Corta essa! - interferiu Zeca. - Abre o jogo de uma vez.

- É isso aí - reforçou Gustavo. - Desembucha logo.

- Não esquentem a cabeça, rapazes - observou Paulão, ainda mantendo um sorriso nos lábios. - Dei sorte no consórcio de automóveis. O cara que manipulava as bolinhas me devia alguns favores. Ganhei o carro e o dinheiro.

- Então foi uma jogada de mestre - exclamou Gustavo, entusiasmado.

- Não há dúvida - concordou Paulão. - Só que não vou entregar o mapa da mina, por que não sou otário. E não vamos mais falar nisso. Daqui pra frente só o que interessa são as delícias oferecidas pelo poder monetário.

A euforia entre os quatro amigos era agora contagiante. Todos falavam ao mesmo tempo, empolgados com o inesperado presente, que parecia ter caído do céu, e com as alvissareiras perspectivas que se abriam às suas mentes.

- Mas pra onde a gente vai? - perguntou Zeca.

- A primeira providência é sair do perímetro urbano - afirmou Paulão sem pestanejar. - Depois vamos deixar o barco correr, sem rumo estabelecido, até, quem sabe...Rio...Bahia...

- Boa!...sensacional! Melhor impossível!...- gritaram em unísono Flávio e Gustavo. Apenas Zeca não se manifestou, demonstrando certa apreensão no semblante.

- Então vamos logo acender uma coisa aí! – bradou Flávio, ainda excitado.

Eram 11 horas da manhã de uma cristalina quinta-feira de outono quando o *Volks* azul-coral passou pelas férreas e negras torres da ponte Hercílio Luz. Um suave nordeste entrava pela janela do carro e a aragem marinha misturava-se ao aroma de pintura nova do veículo, recém-saído da fábrica, e à fumaça do baseado, que circulava de mão em mão. E assim foram eles, serpenteando pelas esburacadas estradas catarinenses daqueles tempos, como destemidos cavaleiros medievais em busca de aventuras.

Mas foi só o surgir no foco de suas retinas uma tabuleta da Brahma, com o seu espumoso e tentador caneco de chope, para alguém propor:

- Vamos parar ali e tomar a primeira cerveja comemorativa.

A sugestão foi aceita unanimemente. Saltaram do carro e Paulão destacava-se pela alta estatura e apuro no trajar-se. Era o único a apresentar-se de terno e gravata. Já Flávio e Gustavo pertenciam à geração dos “jeans” e cabelos compridos. Mas o porte avantajado de Gustavo fazia crer que ele era um jovem bem alimentado, ao contrário de Flávio, magro como um cipreste. Zeca, por sua vez, com o traje gasto e miúda compleição, denotava origem praiana.

É conveniente esclarecer que os quatro amigos faziam parte de um círculo não muito bem visto pelos olhares conservadores da ilha-cidade em que viviam. Seus hábitos descontraídos - vida boêmia... bares... bordéis... rodas de jogo... façanhas noturnas... brigas nas madrugadas com turmas rivais... - constituíam-se num alvo fácil e de permanente interesse às vozes mexeriqueiras cidadinas. Pois o fato é que, à sua própria maneira, eles eram uma espécie de contestadores do *status-quo* vigente, chocando-se com a atmosfera moralista e provinciana da então pequena capital.

- Já dizia Sócrates que o primeiro gole sempre é o melhor - pontificou Gustavo, estalando os lábios de satisfação, após sorver, de uma só vez, o inebriante líquido contido no copo. Foi Flávio, em seguida, quem se manifestou:

- Fugir daquela merda de cidade e das fofocagens dos bares do centro já é uma ótima pedida.

Com o que todos concordaram. A primeira rodada de cervejas foi consumida com avidez, enquanto os quatro amigos continuavam lançando hosanas aos céus pelas boas graças daquele dia.

Apesar de pertencerem a gerações diferentes - Paulão e Zeca aproximavam-se dos 40, Flávio e Gustavo estavam na casa dos 20 - eles formavam um sólido e quase inseparável quarteto naquele período. Mas as suas ascendências também eram distintas.

Gustavo vinha de uma abastada família serrana, cujas ramificações estenderam-se até a capital do Estado, pois diversos dos seus componentes ingressaram, com sucesso, na trilha da política. Tal fato trazia algumas vantagens a ele, como receber, sem nenhum esforço, um emprego público com razoável salário e sem expediente. Mas, por outro lado, apesar do seu temperamento boêmio, era um jovem inteligente e cursava, com pouca dedicação, o 3º ano da faculdade de Direito. Apreciava também boas leituras literárias e alardeava esse gosto fazendo citações de autores de sua preferência.

As raízes de Paulão eram mais modestas. Seu pai, de origem portuguesa, muito batalhara na vida até se firmar como habilidoso alfaiate, tornando-se o preferido de prósperos figurões e jovens burgueses. Em função disso, não se podia estranhar que Paulão sempre se apresentasse impecavelmente trajado, tanto em ambientes refinados, como nas chamadas “bocas pesadas”. Mas que ninguém contasse com ele para o trabalho comercial ou rotineiro-burocrático. Pois possuía até um lema: “Não trabalho para filho da puta nenhum!” Sobrevivia dedicando-se a jogos de azar e outras atividades não amparadas pelo Código Penal.

Já a família de Flávio era do sul catarinense e ele viera tentar a sorte na Capital. Passara por diversos cursos e empregos, mas nada dera certo. Vivia de “bicos” variados. Zeca, nascido num distrito da Ilha de Santa Catarina, descendia de pescadores açorianos, mas acabara contínuo de repartição pública. Para melhorar o orçamento assessorava Paulão em suas “virações”.

A viagem prosseguiu. Após a parada no bar a empolgação do grupo assemelhava-se ao de um bando de guris num parque de diversões. A balbúrdia era tanta que eles nem ouviam a voz impostada vinda do rádio, transmitindo as últimas notícias: “...Zagalo é o novo técnico da seleção brasileira, substituindo a João Saldanha”... - “...mais um “aparelho” terrorista foi desbaratado por agentes da Polícia Federal. Os terroristas reagiram à bala e foram todos mortos”...

Quando os raios crepusculares já formavam multicoloridos matizes no horizonte deu-se o primeiro impasse. Ao ver “Rio de Janeiro”, escrito numa placa indicativa, Zeca não se conteve e gritou descontrolado:

- Pára esta porra deste carro, porque eu vou é ficar por aqui mesmo!

- Que-que há, cara? - indagaram os outros em unísono, surpreendidos com a súbita reação do companheiro.

- Agora é que saquei a tremenda mancada que tô dando. Fiquei de levar comida e grana pra casa. Como é que vou abandonar a minha família?! Vocês querem que os meus filhos passem fome?! Não vou pro Rio porra nenhuma! Pára o carro!

- Tá bem - concordou Paulão, em tom conciliatório. - Vamos resolver a questão com calma ali naquela churrascaria de beira de estrada.

Mas, por mais que os outros tentassem fazer Zeca mudar de idéia - “escreve um telegrama...”- “...a gente manda a grana por via postal...” - ...” “...volta de avião...” - Zeca não se deixava convencer:

- Não quero estragar o programa de vocês - afirmou, já mais calmo. O Paulão me passa uma nota, eu pego um ônibus de volta e vocês continuam a viagem. Não tem mistério.

- Nada disso! - protestou Flávio. - Quem começa uma patrulha dessas tem que ir até o fim. Senão dá azar.

- Então já sei o que vamos fazer! - bradou Gustavo, com os olhos rútilos de quem tivesse encontrado uma fórmula mágica. - Como já está escurecendo e ainda estamos por aqui, que tal a idéia de a gente fazer uma visitinha às meninas da Nova Dakar? Amanhã a gente larga o Zeca na rodoviária e continuamos a viagem.

Até Zeca concordou com esta estratégica solução. Duas horas depois o *Volks* estacionava em frente ao luxuoso lupanar, nos arredores de Blumenau, com o seu pisca-piscante anúncio luminoso oferecendo inolvidáveis prazeres.

Antes de saltarem, porém, surgiu mais um impasse: onde colocar o dinheiro? Após algumas trocas de sugestões (e muita discussão) decidiu-se que o tão precioso embrulho ficaria dentro de uma pequena valise, da qual eles não poderiam separar-se de maneira alguma.

- Na hora de pagar a conta deixa comigo - falou Paulão.

- Mas não dizias que era pra gente ir pegando a grana? - reclamou Flávio.

- A história aqui é diferente - justificou-se Paulão. - Deve ter muito pilantra aí dentro e não podemos dar nenhum furo.

Madame Waleska, a proprietária, que já conhecia Paulão e Gustavo de outras ocasiões, recepcionou-os com profissional solicitude e um sorriso gélido:

- Sejam bem-vindos, rapazes - garantiu ela, ao mesmo tempo em que lançou um menosprezador olhar para Zeca.

Ela ainda exibia atrativas ancas e lábios carnudos, exageradamente avermelhados. Mas alguns sulcos faciais e empapuçadas olheiras denunciavam a sua movimentada experiência de vida.

Conduziu-os, depois, a um amplo salão, cujas luzes penumbrantes davam-lhe, à primeira vista, um aspecto *hollywoodiano*. Ondas de perfume barato, misturadas à fumaça dos cigarros, evoluíam-se por todo o ambiente e na pista pares entrelaçados seguiam o ritmo abolerado de um conjunto de danças, som que se misturava ao burburinho de vozes, arrastar de cadeiras e tilintar de copos e talheres.

As mesas estavam ocupadas por casais sussurrantes ou por grupos de solitárias e entediadas mulheres. Ao fundo havia um balcão, onde homens bebiam em pé, apreciando as moças que passavam ou permaneciam sentadas, à espera de quem as requisitasse.

- Fiquem à vontade - disse Madame Waleska. - Há garotas de todos os tipos, para todos os gostos. À meia-noite haverá um show, com *strip-tease* da nossa grande estrela Tânia, uma belíssima loura de Buenos Aires.

- Este show eu não perco! - exclamou Flávio, entusiasmado.

A partir daí os acontecimentos aceleraram-se, como numa rápida seqüência de um filme:

- os quatro amigos, em uma mesa de pista, rodeados por um festivo grupo feminino;

- rodadas borbulhantes de champanhe francês;

- eufóricas gargalhadas;

- provocante *strip-tease* de Tânia, sob luzes multicoloridas e ao som de *blues*;

- “mais champanhe!”

E, empolgados, falaram alto, “cantaram asneiras, no estro brutal das bebedeiras”, conforme recitou Gustavo, num certo momento da noitada, citando Manuel Bandeira.

E gastaram e consumiram como coronéis interioranos, ou urbanos magnatas, despertando olhares invejosos e a atenção geral.

Até que se dirigiram, com as mais atraentes mulheres da Casa, para os quartos, no andar de cima.

(Mas tudo transcorria sob a desconfiada vigilância de Madame Waleska).

Ao acordar-se, nas primeiras horas da manhã seguinte, perturbado por uma réstia de sol que se infiltrava pela fresta da janela, Paulão levou alguns minutos para se localizar no tempo e no espaço. Mas, quando os acontecimentos recentes lhe vieram à consciência, pulou da cama num salto.

- O dinheiro! - pensou, aflito.

As idéias, pouco a pouco, foram se aclarando e Paulão lembrou-se que tinha escondido a valise debaixo da cama. E lá estava ela, com o conteúdo intacto, para o seu alívio.

Logo, porém, sentiu um gosto amargo na boca e um forte cheiro de sexo vencido, enquanto a cabeça martelava como se fosse um sino. Olhou para o lado e viu na cama, ainda dormindo, Tânia, a *show-woman*, que, na verdade, não era argentina e muito menos loura, segundo denunciavam seus pêlos pubianos.

O DIA-A-DIA NO BORDEL

- Café matinal na própria cozinha em comprida mesa de madeira rústica;
- o cheiro gostoso do café sendo coado, ovos fritos e bolinhos alemães;
- as moças totalmente à vontade, zanzando de um lado para o outro de roupões, camisolas, ou calcinha-e-sutiã:

Carminha, moreninha-mignon, 19 anos, seios fartos e arredondados, coxas roliças e longos cabelos negros (par de Gustavo);

Frida, morena-alta (ao contrário do que o seu nome “de guerra” poderia indicar), 24 anos, longuíssimas pernas e surpreendentes olhos verdes (par de Flávio);

Yolanda, 28 anos, germânica da gema, com todos os atributos típicos do seu sangue (par de Zeca: “queria que aqueles putos lá da cidade me vissem agora com este mulherão!”);

Tânia, de idade indefinível, oscilando entre os 30 e os 40 anos, corpo escultural e feições angulosas, que já revelavam alguns sinais de cansaço, ao ser examinada de perto (par de Paulão).

No transcorrer do dia: jogos de baralho; banho de piscina; cervejada; amor vespertino, almoço ajantarado.

Mas, de quando em quando, alguém alertava Paulão: - “Olha a valise...” - “...não desliga da valise...” - “...cuidado com a valise”...

- Que é que tem aí dentro? - indagavam elas, curiosas. Eles desconversavam:

- É um segredo de estado.

(Por detrás das cortinas Madame Waleska, como uma atenta leoa, observava tudo, não tirando os olhos também da tão adulada e protegida valise).

E assim foram ficando por mais dois dias. Menos Zeca que, acochado por novo e repentino sentimento de culpa, fugiu às escondidas por um corredor de trás, no mesmo momento em que o sol lançava os seus primeiros raios sobre a manhã de sábado.

Ao cair da noite um carro negro estacionou em frente ao local e do seu interior saltaram três homens, dois deles de terno, gravata e chapéus de feltro, ao estilo dos filmes norte-americanos dos anos 40.

4

Gustavo e Flávio jogam cartas com Carminha e Frida no *american-bar*, quando entram três homens. O que parece ser o líder segue na frente com Madame Waleska. Trata-se de um sujeito grande e obeso, ostentando fartos bigodes à mexicana num avermelhado rosto de glutão. Já o segundo, um louro alto, com ar autoritário, possui porte atlético e não ficaria mal envergando um uniforme nazista. A seu lado um tipo moreno atarracado com a expressão dura e implacável de quem conhece a morte de perto. Com arrogância e empáfia, eles dirigem-se ao balcão, enquanto Madame Waleska bajula-os com as habituais medidas e palavras gentis. Olhares cruzam-se e uma pesada névoa parece baixar de imediato sobre o ambiente.

Gustavo sussurra:

- Pelo jeito são tiras.

Carminha concorda:

- São mesmo. Já vieram aqui várias vezes.

E Frida acrescenta:

- Gostam de dar porrada em mulher.

- Quero distância deles - diz Carminha.

- Pesou a barra - comenta Flávio, baixinho.

Minutos de silêncio. Então Gustavo sugere:

- Vamos ficar na nossa. Mas, por via das dúvidas, uma de vocês, logo que der uma chance, vai lá em cima e avisa o Paulão. Acho que está na hora de tirar o time.

Encostados no balcão os recém-chegados continuam conversando com Madame Waleska. E, como corvos famintos, não despregam os olhos dos dois casais.

Meia hora depois Paulão, conduzindo a valise na mão esquerda, dirige-se à Madame Waleska.

- Podemos ir até o escritório? Queremos acertar a nossa despesa.

Mas, antes que ela esboce alguma reação, o gordo interfere:

- Por que esta pressa?

Faz uma pausa, enquanto mexe com os dedos o gelo da sua bebida e afirma:

- Agora é que a festa está ficando boa.

Paulão encara-o com o olhar firme e replica:

- Para quem está chegando até pode ser. Mas, para nós, já acabou.

O gordo insiste:

- A noite ainda nem começou.

Gustavo intromete-se:

- Já dizia o Eclesiastes que há o momento de chegar e momento de partir.

O gordo, irônico:

- Ah, o amigo é versado na Bíblia?

Gustavo, no mesmo tom:

- É a minha leitura de cabeceira.

- É mesmo? - debocha o gordo.

E, virando-se para os companheiros, diz, sarcástico:

- Os rapazes parecem ser muito espertinhos, não concordam?

Os outros apenas mexem as cabeças e permanecem imóveis como duas efígies.

Neste momento Flávio levanta-se e aproxima-se do centro de ação. Madame Waleska faz menção de retirar-se, mas o gordo volta ao ataque:

- Quem sabe a senhora convence os rapazes a ficar. É uma pena que já queiram ir. Poderia ser o começo de novas amizades.

Paulão, fazendo blague:

- O cavalheiro me perdoe, Mas, a esta altura da minha vida, já não tenho muito interesse em fazer novas amizades.

O gordo dá uma golada na bebida e lança um olhar irado para Paulão:

- Cuidado com as palavras, cara. De repente posso tomar isto como ofensa.

Gustavo, tentando ser conciliativo:

- Não leve a mal. O meu amigo é um gozador e está apenas brincando.

- Acontece que posso não gostar desse tipo de brincadeira - responde o gordo, agressivo. Mas, logo em seguida, volta-se para Flávio:

- Já não nos conhecemos de algum lugar?

Flávio não pensa duas vezes para afirmar, convicto:

- Acho que não.

O gordo não se convence e continua encarando Flávio com olhar minucioso, como se quisesse decifrar a face que está à sua frente. E volta à carga:

- Talvez não pessoalmente... Mas de algumas fotos que andei vendo aí.

Flávio, irritado com o assédio, retruca, ríspido:

- O senhor está me confundindo com outra pessoa.

- Não sei não...

Paulão, mais uma vez, dirige-se à Madame Waleska e declara, incisivo:

- Vamos esperá-la no escritório. Esta conversa está começando a cansar.

Mas, quando os três amigos já estão dando meia-volta, o gordo interrompe-os, com voz de comando:

- Um momento! Antes que vocês saiam quero ver os seus documentos.

Voltam-se e Gustavo indaga:

- Em nome de quem?

E o gordo, elevando a voz:

- Da lei!

Faz uma pausa e prossegue:

- Meu nome é Lemos. Tenente Lemos. E estes são os meus companheiros Müller e Azevedo. Somos agentes da Polícia Federal.

Lança um olhar cintilante para Flávio e emenda:

- Nossa atual missão é caçar terroristas, que andam por aí espalhados por todos os cantos, pior que ervas daninhas.

Flávio reage:

- E nós com isso?

Lemos acende um cigarro e, largando baforadas no ar, afirma, autoritário:

- Até provar em contrário, todos são suspeitos, pois estamos vivendo uma guerra urbana.

Gustavo, ainda sereno, mas firme:

- Pois eu gostaria de lhe informar que sou estudante de Direito e, pelo que venho aprendendo, o senhor está subvertendo inteiramente a ordem das coisas.

Lemos contra-ataca:

- E se eu lhe disser que tenho sérias suspeitas a respeito dos senhores?

E apontando para Flávio:

- Principalmente deste aí.

Flávio, atônito:

- De mim?!

Paulão, agora exaltado, explode:

- Esta palhaçada já está começando a dar no saco. Vamos mostrar os documentos de uma vez e cair fora daqui.

E joga a sua carteira de identidade em cima do balcão. Gustavo faz o mesmo. Lemos examina os documentos e, em seguida, interpela Flávio:

- E os seus?

Flávio, porém ainda remexendo nos bolsos, balbucia, lívido como um boneco de cera:

- Acho que esqueci em Florianópolis...

- Essa não! - diz Gustavo, sem se conter.

A expressão de Lemos transfigura-se. E, com um sorriso maligno nos lábios exclama:

- Era o que eu imaginava.

E, dirigindo-se aos dois colegas, arremata, vitorioso:

- Bem que eu estava desconfiado que já tinha visto esta cara por aí.

Volta-se para Flávio, e, à maneira de um chacal que investe sobre uma indefesa presa, ordena, com ódio nos olhos:

- Considere-se preso! Não tenho mais nenhuma dúvida que você é um filho da puta de um terrorista.

- Você está louco! - protestam Paulão e Gustavo ao mesmo tempo, enquanto Flávio permanece em silêncio, estupefato.

- Louco um cacete! - manifesta-se Müller pela primeira vez, já puxando um revólver da cintura.

Lemos, que estava sentado na banquetta, levanta-se e, com o dedo apontado para Gustavo e Paulão, diz, ameaçador:

- Vocês dois também estão detidos para averiguações, por acobertar um fugitivo da Justiça, subversivo e assaltante de banco.

- Isto é uma arbitrariedade! - grita Gustavo, descontrolado. - Temos residência fixa em Florianópolis e somos bastante conhecidos na cidade. Vocês estão completamente alucinados!

Madame Waleska, percebendo que situação toma rumos imprevisíveis, mostra-se apreensiva e temerosa:

- Por favor, vamos resolver isto com calma. Não quero confusão aqui dentro. E muito menos tiros.

Lemos acalma-a rindo:

- Não se preocupe. Os rapazes vão colaborar e irão conosco até Blumenau sem maiores problemas.

E, olhando para Paulão, indaga, irônico:

- Não é mesmo?

Em seguida puxa também o seu revólver e determina, com uma expressão sádica:

- Mas primeiro me passe as chaves do seu carro e a valise que você tem nas mãos. Estou muito curioso pra ver o que tem aí dentro.

Os três amigos ainda tentam uma reação, mas Lemos berra, raivoso:

- Façam o que eu digo, ou levam chumbo aqui mesmo!

E ordena a Azevedo:

- Apanhe as chaves e a valise. E abra-a.

Sob a mira de dois revólveres, Paulão não vê outra alternativa a não ser atendê-lo. A valise é aberta, para o deleite dos policiais.

- Está cheia de grana! - diz Azevedo, exultante. - Só pode ser de algum assalto.

Paulão, enfurecido:

- Assalto porra nenhuma! Isto aí é dinheiro que eu ganhei num negócio limpo.

Lemos, sarcástico:

- Papo furado. Agora vocês não têm mais escapatória.

Nisto apaga-se a luz e a confusão generaliza-se. Correria, tiros, cadeiras e mesas caindo, copos e garrafas espatifando-se no chão. No meio do tumulto os três amigos são puxados para fora do bar por Carminha e Frida. E a luz de uma lanterna ilumina os seus passos até a saída dos fundos, onde Tânia aguarda-os na porta de um *Simca-Chambord*, já com o motor ligado.

- Se mandem daqui! - diz ela.

Paulão assume os comandos e o carro parte veloz, os uivantes pneus lançando poeira para todos os lados.

Já os agentes federais, ao tentarem sair no veículo que os trouxe, percebem que um pneu está furado.

- Vamos persegui-los no próprio carro deles - decide Lemos, sem pestanejar.

Meia-hora depois: o feixe de luz vence a escuridão do asfalto, enquanto o velocímetro oscila entre 80, 100, 120 km. Faróis e veículos cruzam-se em desvario, o ronco dos motores sucedendo-se a cada instante como o rugido de feras alucinadas.

- Lá vêm eles! - grita Flávio, aflito, com os olhos presos na janela de trás.

Ao longe, as luzes perseguidoras parecem rastreadores holofotes bélicos, aproximando-se cada vez mais.

- Acelere mais esta merda! - reclama Gustavo, suando frio.

E Paulão:

- Mais do que isso não dá. Este carro está estourado. Se estivéssemos no Fusca o papo era outro.

Dá uma rápida olhada no retrovisor e acrescenta:

- Na estrada de terra era melhor. Eles ficavam sem visibilidade.

- Estão chegando cada vez mais perto! - exclama Flávio. E sabem de uma coisa?

Faz uma pausa e grita, agitado, como se estivesse visto uma aparição:

- É o *Volks* que vem aí atrás.

- O quê? - espantam-se os outros. - Tens certeza?

- Absoluta.

Paulão, enfurecido, esbraveja:

- Filhos de uma puta! Levaram a minha grana e o meu carro!

Até que, numa reta, surge à frente um comboio de caminhões de carga e Paulão é obrigado a diminuir a velocidade. Quando o *Volks* já está quase colado na traseira do *Simca*, Paulão dá uma guinada à esquerda e percebe que, na direção oposta, enfileiradas luzes também se aproximam com a rapidez de um foguete. Mesmo assim, em ligeira manobra, ele engata uma segunda, afunda o pé no acelerador e tenta ultrapassar os quatro ou cinco caminhões. E grita, enfático:

- É agora ou nunca, rapazes. Segurem-se firmes!

O *Simca* passa pelos dois primeiros caminhões, quando Flávio, com a tensão de quem está num combate aéreo, exclama:

- Eles também entraram atrás de nós!

Neste momento, os faróis que vêm do lado contrário crescem, agigantam-se...

- Não vai dar! - grita Gustavo, com o coração na boca.

Mas, quando as luzes já estão quase se engolfando e o choque parece inevitável, Paulão, com a habilidade de um corredor profissional, arremessa o carro para o acostamento. O outro veículo - uma possante carreta de carga - passa por eles como um furacão, lançando ao ar a sua estridente buzina, que se assemelha a um uivo lancinante.

O que se ouviu, segundos depois, foi o estrondo de máquinas e ferragens em choque frontal, no momento em que o caminhão colidiu com o *Volks* e levou-o de roldão por alguns metros. Seguiu-se uma terrível explosão.

Já o Simca, ao entrar no acostamento, estourou dois pneus num buraco e, descontrolado, acabou parando num pasto. Os três amigos, porém, nada sofreram, apenas escoriações variadas.

Quando saltaram do carro, apalpando-se e ainda apavorados, eles viram as labaredas que se formavam no ar e a agitação, a correria e o engavetamento de centenas de veículos na rodovia em polvorosa.

Dirigiram-se, então, às pressas, ao local do acidente e depararam com o *Volks* em chamas, fogo que transformava os seres humanos que estavam no seu interior em matéria carbonizada e a valise com o dinheiro em cinzas. Já o carro transmutava-se num amontoado de ferros retorcidos. Um forte cheiro de combustível e carne queimada impregnava-se na noite.

Ao contemplar o dantesco espetáculo, Paulão conjecturou:

- Lá se foram os meus ganhos.

Flávio consolou-o:

- Mas, pelo menos, estamos de pé.

Gustavo emendou:

- E livres.

Acabaram voltando para casa de carona num caminhão.

P.S. O *Simca Chambord* pertencia à Madame Waleska. (1994)

*

(Conto publicado originalmente no livro “O Dia D de um Desempregado”, Editora Insular, 2000.)